

Exposição _Território Cúmplice

Pintura/Escultura de Agostinho Santos

Extracto do texto da professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

"Uma conjugação de vários registos de círculos de experiências segundo vários modelos visuais - objectos assistidos, escultura, pintura sobre telas de diferentes dimensões e formas: em íntima ligação com as formas-suportes da pintura, os trabalhos de Agostinho Santos agora apresentados configuram um registo possível de alguns lugares-sensações, localizando *Identities, Olhares, Mensagens, Viagens, Paisagens, Labirintos...* Serão reconstruções ou inscrições que se deixam emoldurar, planeando fugir e dissolver-se entre os recursos expressivos...

Nesse processo de relacionamento e interpretação, constroem-se ou evidenciam-se conteúdos através das relações entre as opções formais associadas aos suportes e às imagens. Constitui-se, assim, uma galeria de sistemas *suporte/referente* - telas circulares, telas quadradas e rectangulares verticais e horizontais, de diversas dimensões ... - que seguem cada motivo principal; entre si, articulam-se por passagens visuais que dizem respeito aos eixos de reflexão mas que, recusando as estruturas de legibilidade imediata, sobrepõem grelhas e replicações".

"A utilização de métodos de reconhecimento dos movimentos do pensamento e das próprias sensações e, conseqüentemente, de inserções mais ou menos evidentes enquanto crítica e auto-análise, justifica a aparente diversidade dos trabalhos presentes. Alterou-se, assim, a equação que seria mais clara em continuidade e equivalência, para uma outra mais coincidente com o conhecimento-indagação das interferências de comunicação entre os seres humanos.

Referências autobiográficas e ficcionais criam renovadas empatias com os autores de eleição, sempre lembrados por Agostinho Santos - Cy Twombly, Dubuffet, Basquiat, Bazelit ou A. R. Penk, são aqui convocados, em diferentes atmosferas de elementos individualizados, ou difundidos em sintonias e sensibilidades expressivas".

"Num conjunto de composições, a redução da paleta proporciona uma composição de oponentes ou binómios de oposições em trama de carácter gráfico; passando a acentuar os valores de elaboração autónomos do signo, enfrentamos então uma leitura dual: por um lado, um envolvimento com a imagem que se ancora num filão formal que vulnerabiliza o referente; simultaneamente, em terrenos sobrepostos, camadas de passado-presente, grafismos em mudanças subtis de intensidade e direcção, propõem ao observador possibilidades para retomar referências do real, biográficas e bibliográficas.

Estas viagens entre padrões – oscilações - expressões em transformação, evoluem em movimento talvez intuitivos, sem dúvida verdadeiros, latentes correntes ou batidas que estendem a paisagem plástica e ágil dos reflexos, dos gestos emotivos. Num lugar distanciado e contemplativo, o observador poderá ver surgirem conexões e assegurarem-se ligações morfológicas entre um onírico organizado e um registo desmedido e arrebatado, derivação de um outro real. Figuras ou manchas em camadas menos visíveis fazem o enquadramento de elementos plásticos e destacando, sem isolar, a sua força, atravessam a realidade dos dois registos. Imagens de figurasvoz, ou valores sonoros subjacentes aos sentidos dos ritmos da cor e dos ritmos musculares que o traço marca, recuperam os valores do acaso e de automatismo".

"perante este conjunto de obras, *intertextualidades* surge-nos como possibilidade de sintetizar estes movimentos

giratórios entre os conceitos espaciais dilatados, as implicações narrativas e as experiências subjectivas, as torções e as extensões da palavra e da imagem. Mas, embora não excluamos a palavra, sabemos que não abrangeria os outros momentos que respiram livres e leves, quando a linha apenas é..., a mancha é..., segundo uma outra natureza semelhante à água de um lago, vendo-se ser.

Porto, 8 de Abril de 2011

Maria Leonor Barbosa Soares